

“MAS VOCÊ ESTÁ USANDO CALCINHA?” IMPACTOS DE UM CORPO GAY INSURGENTE EM UMA TURMA DE DOUTORADO DA ÁREA DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

“¿PERO LLEVAS BRAGAS?” IMPACTOS DE UN CUERPO GAY INSURGENTE EN UNA CLASE DEL PROGRAMA DE DOCTORADO EN EDUCACIÓN CIENTÍFICA Y FORMACIÓN DEL PROFESORADO

Gleydson da Paixão Tavares

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
guedo@uesc.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar como um corpo que está na fronteira corpórea e das identidades sexual e gênero pode causar abalos em um Programa de Pós-Graduação em nível de Doutorado em Educação Científica e Formação de Professores. Este estudo utilizou o método (Auto)Biográfico mediante a reflexão e descrição de experiências do autor/pesquisador o que permitiu, por meio das narrativas, constatar que um corpo “estranho” e que transgride às normas hegemônicas heteronormativas de comportamento e expressão, causa abalos até mesmo em um Curso de Doutorado na área de ensino de ciências com vistas à formação de professores/as.

Palavras-chave: corpo; doutorado; gênero; ensino de ciências; sexualidade.

Eixo temático: 7. Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia.

Modalidade: Relato de experiência.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es demostrar cómo un cuerpo que está en la frontera de las identidades corporales, sexuales y de género puede causar trastornos en un programa de postgrado a nivel de doctorado en Educación Científica y Formación de Profesores. Este estudio utilizó el método (Auto)Biográfico a través de la reflexión y descripción de las experiencias de la autora/investigadora, lo que permitió, a través de las narrativas, ver que un cuerpo "extraño" que transgrede las normas heteronormativas hegemónicas de comportamiento y expresión provoca trastornos incluso en un curso de doctorado en el área de la enseñanza de las ciencias con vistas a la formación de profesores.

Palabras clave: cuerpo; doctorado; género; enseñanza de las ciencias; sexualidad.

Eje temático: 7. Inclusión e interseccionalidad en la enseñanza de las ciencias y la biología.

Modalidad: Informe de experiencias.

INTRODUÇÃO

Ser um homossexual afeminado é um grande desafio em uma sociedade que classifica, hierarquiza, discrimina e tenta controlar os nossos modos de viver, as múltiplas identidades de gênero e sexual, bem como de viver as nossas experiências corpóreas.

O corpo no ensino de biologia/ciências é trabalhado, majoritariamente, apenas na perspectiva biologizante, binária e dicotomizada. Entretanto, o corpo também é atravessado por produções socioculturais. Observamos esse viés reducionista, essencialista e universalista é disseminado tanto nas aulas de ciências/biologia quanto nos artefatos pedagógicos da área, a exemplo de artigos, livros, materiais, jogos, entre outros, que são instrumentos didáticos que dão suporte ao processo de ensino e de aprendizagem. Os livros didáticos, por exemplo, ainda trazem em suas imagens, referências de cores, brinquedos, roupas e acessórios de forma generificada, ou seja, remete ao que é masculino e ao que é feminino. De acordo com Martins e Hoffmann (2007, p. 135) “A vestimenta é uma das mais importantes linguagens não verbalizadas. Por meio dela as pessoas se comunicam e se integram socialmente”. Para as autoras, a vestimenta exerce o poder de controle e exclusão social, quando dita o que é social e culturalmente aceito.

O objetivo desse estudo é apresentar algumas experiências vivenciadas pelo autor/pesquisador, um gay afeminado, durante às aulas (ainda em curso) nesse primeiro semestre de 2024, que remetem a algumas questões de corpo, gênero e sexualidade (CGS) e que merecem ser descritas e analisadas, na perspectiva de uma reflexão sobre as múltiplas possibilidades de ser e existir na sociedade e, especialmente, nos contextos educacionais.

Ao longo das minhas itinerâncias pessoais/familiares, educativas e profissionais, os modos em que me comporto, expresso e vivo; as minhas atitudes, gestos e feições são lidas como femininas, bem como a minha voz e o meu andar denunciam um corpo insubordinado, que rompe os padrões do que se espera ser masculino.

Hoje, aos 46 anos de idade, vinculado enquanto discente a um Programa em nível de Doutorado em Educação Científica e Formação de Professores, além do que descrevi

anteriormente, o meu corpo, as roupas, os sapatos e os acessórios que uso durante às aulas, causam abalos, como sempre causaram ao longo de minha vida nos diversos espaços sociais que percorri.

Entretanto, o que me chama atenção é que estamos em um Programa de Formação de Professores/as (a esmagadora maioria dos estudantes já atuam na docência da educação básica e superior) e ainda assim, percebo que precisamos avançar em algumas questões quando nos referimos aos corpos, gêneros e sexualidades.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Compreende-se que a produção de um trabalho científico requer organização, ordenamento e articulação com os instrumentos e técnicas metodológicas apropriadas com vistas ao efetivo desenvolvimento do estudo. Ante o exposto, Minayo defende que a metodologia “inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade da/o pesquisadora/pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)” (2009, p. 14).

Assim sendo, se faz necessário um planejamento e uma seleção de técnicas adequadas ao tipo de estudo delineado, considerando que o nosso propósito é descrever e refletir sobre as minhas experiências relacionadas às questões de corpo, gênero e sexualidade, durante às aulas do Curso de Doutorado em Educação Científica e Matemática.

O Curso é vinculado a uma universidade pública estadual do interior da Bahia-Brasil, é composto por discentes com formação em licenciatura nas áreas de Ciências Biológicas, Química, Matemática, Pedagogia e, atualmente, a turma ingressante em 2024 conta com 18 (dezoito) estudantes - a sua esmagadora maioria professoras e professores em atuação na educação básica e superior.

O objetivo desse estudo é apresentar algumas experiências vivenciadas durante às aulas (ainda em curso) nesse primeiro semestre de 2024, que remetem a algumas questões de corpo, gênero e sexualidade (CGS).

Nesse sentido, foi adotado o método (Auto)Biográfico que possibilitou a produção de narrativas que contribuíram para o alcance do objetivo desse trabalho. Segundo Passegi, a reflexividade autobiográfica é “entendida como o retorno sobre si mesmo, para tirar lições de vida, e a noção de formação” (2011, p. 153). Nessa direção, Souza (2008, p. 38)

compreende a abordagem autobiográfica “como uma metodologia de trabalho que possibilita tanto ao formador, quanto aos sujeitos em processos de formação significar suas histórias de vida, através das marcas e dispositivos experienciados nos contextos de sua formação”.

As informações foram produzidas por meio das narrativas das experiências do autor/pesquisador. A análise foi realizada pautada nos estudos pós-críticos com ênfase na perspectiva pós-estruturalista por considerar a sua adequação para a problematização da tríade corpo-gênero-sexualidade, considerando a trajetória de vida de um homossexual afeminado. De acordo com Meyer e Soares (2005),

Os desafios colocados para aqueles e aquelas que se propõem a fazer pesquisas em abordagens pós-estruturalistas envolvem, pois, essa disposição de operarem limites e dúvidas, com conflitos e divergências, e de resistir à tentação de formular sínteses conclusivas; de admitir a provisoriidade do saber e a co-existência de diversas verdades que operam e se articulam em campos de poder-saber; de aceitar que as verdades com as quais operamos são construídas, social e culturalmente (p. 39-40).

Considerando a estruturação e reflexão das informações empíricas deste estudo, fizemos a opção de realizarmos o exercício de tangenciar as discussões teóricas no decorrer das análises o que resultou em uma seção teórico-analítica.

MEMÓRIAS DE UM CORPO CAMBIANTE: UMA ANÁLISE PAUTADA NAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM UM PROGRAMA DE DOUTORADO DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Inicialmente quero apresentar, para contribuir com as minhas narrativas, um breve conceito, uma característica e uma fonte sobre a temática “Luz”, pautada na Óptica que é uma parte da Física que estuda os seus fenômenos, à luz de Helerbrock (2024, n.p):

Quadro 1 – Conceito, Característica e Fonte de Luz

Conceito	Característica	Fonte
Perspectiva Ondulatória - A luz é capaz de propagar-se no espaço, transportando energia consigo.	Intensidade – que mede a quantidade de energia que ela irradia a cada segundo por unidade de área.	Qualquer corpo capaz de emanar luz. Fontes Primárias – são capazes de produzir a sua própria luz, também são chamados de corpos luminosos.

Fonte: Site Brasil Escola, Helerbrock (2024).

Nota: informações organizadas pelo autor.

Acessei o meu baú de memórias para resgatar algumas experiências sobre às questões de corpo, gênero e sexualidade vivenciadas no Programa de Doutorado em Educação Científica e Formação de Professores. Ressalto que as subseções foram organizadas com base em analogias sobre os aspectos da Luz, para dialogar com o vivido.

Luz na passarela que lá vem ela!

Sempre me percebi na fronteira de gênero e sexualidade. O masculino e o feminino em mim se embaralham, se entrecruzam, são como feixes de luz. Vivo na zona fronteira, me desloco entre a condição binária e dicotômica dos gêneros.

O meu corpo adorna desde ternos, gravatas e outras roupas e acessórios ditos “masculinos” como vestidos, chemises, blusas, shorts, calças, calcinhas, maquiagem e acessórios ditos “femininos”.

Sou o único gay - e afeminado, em uma turma de Doutorado composta por 18 estudantes. As aulas acontecem, semanalmente, mas eu vou me concentrar nas aulas dos componentes obrigatórios os quais estou matriculado, que foram e ainda são realizadas às quintas e sextas-feiras (estamos em fase de finalização do semestre).

No primeiro dia de aula, fui recepcionado por olhares diversos que remetiam a curiosidade, a aprovações, ao espanto e, talvez, a reprovações camufladas. Sempre me apresento com peças ditas “femininas” que destoam tanto do perfil de vestimentas da turma quanto do padrão hegemônico social. Paralelo a isso, apresento gestos, atitudes, comportamentos e algumas feições tidas como “femininas”. Minha voz sempre foi aguda, o meu andar também me “denunciam” aos olhos da sociedade que exerce o controle, a vigilância e estabelece as normas de conduta aceitáveis e apropriadas para o corpo masculino e para o corpo feminino.

Com o passar dos dias e, conseqüentemente, maior integração com a turma, os olhares passaram ao ovacionismo, ao espetáculo, a catarse. A grande maioria dos dias, ao chegar na sala, a minha entrada causa uma comoção generalizada. Mas, porque será que a simples chegada de um colega gay afeminado causa tanta repercussão em uma sala de aula de Doutorado em Educação Científica e Formação de Professores, que objetiva formar

pesquisadores/as e docentes para o ensino de ciências e matemática? Por que a turma composta, majoritariamente, por professores/as da educação básica e superior ainda reage dessa forma frente a mais uma possibilidade de expressão e de existência? Como se comportariam/reagiriam se estivessem na instituição de ensino em que trabalham e adentrassem um aluno ou um professor gay afeminado com o mesmo tipo de vestimenta? Como acham que essas pessoas se sentiriam?

De acordo com uma publicação intitulada “Roupa tem gênero?”, do site Soteroprosa Olhares Contemporâneos, da cidade de Salvador-Bahia, “Um homem usar uma saia, calçar um sapato alto ou usar maquiagem, até ter cabelos longos, não o transforma em seu gênero, muito menos em sua sexualidade” (2021, n.p.). Ainda de acordo com a publicação

O que entendemos por roupa ou cores, estilos e etc de homem ou de mulher é uma construção social, cultural, ou seja, foram padrões criados e impostos por grupos sociais. Afinal, lembremos que há um tempo atrás mulheres não podiam usar calças, muitas foram as manifestações para que nos permitissem mudar nossas “vestimentas”. Outro exemplo, na Escócia homens usam saias e não os torna menos homens por isso (2021, n.p.).

Ouço dos/das colegas que sou estiloso, sou bonito, sou elegante o que justificaria o alvoroço. Fazem questão de observar e destacar os mules e botas que uso, a shemise (que detalharei o episódio do seu uso na subseção seguinte), o fato de usar peças justas e curtas, de usar maquiagem, etc.

Mas, por que será que a mesma reação não acontece com a chegada, especialmente, de uma colega mulher e heterossexual que também é estilosa, bonita e elegante como sou visto pela turma?

Talvez porque eu “imite” o feminino e termino me tornando revolucionário. Nessa direção concordo com Louro (2004) quando toma uma drag queen (que também imita o feminino) como exemplo para afirmar da vigilância constante das fronteiras dos gêneros e das sexualidades. A autora discorre que “Como uma personagem estranha e desordeira, uma personagem fora da ordem e da norma, ela provoca desconforto, curiosidade e fascínio” (2004, p. 20).

Ao ler o Livro “Um Corpo Estranho” da Autora Guacira Lopes Louro que tomo como uma das minhas principais referências neste artigo, me identifiquei com a drag queen que ela traz como objeto de análise para discutir a fronteira dos gêneros e das sexualidades. A autora, nessa perspectiva assevera que “Perambulando por um território inabitável,

confundindo e tumultuando, sua figura passa a indicar que a fronteira está muito perto e que pode ser visitada a qualquer momento” (2004, p. 20).

É assim que me percebo quando estou na sala de aula, borrando a norma, subvertendo os padrões de vestimenta e comportamento heteronormativo imposto pela sociedade. A forma ambígua de me apresentar atrelado ao constructo social binário e dicotômico de ser masculino ou ser feminino, pode invisibilizar outras múltiplas possibilidades de existência de gênero.

Big Bang: Uma explosão de luz!

Para esta subseção trarei duas experiências vivenciadas com a turma relacionadas à vestimenta. Antes porém, farei algumas considerações sobre corpo e roupa.

O trabalho de Martins e Hoffmann (2007), intitulado Os papéis de gênero nos livros de didáticos de ciências, nos darão uma ideia de como às vestimentas servem como diferenciador de gênero, que determina a generificação da roupa, criado e imposto por grupos sociais hegemônicos.

Os resultados da pesquisa das autoras nos livros didáticos de ciências revelaram que estampas, cores e acessórios, determinam o que é de uso de meninos e de meninas. Por exemplo, às meninas usam roupas de tons mais claros, suaves de rosa, lilás e amarelo, estampas de florzinha bordada ou corações, e adereços nos cabelos como laços, tiaras, “chiquinhas”, entre outros. Na contracorrente, os meninos usam predominante a cor azul, estampas e listas de animais, tênis e boné.

As autoras fundamentadas nas análises de Baudrillard afirmam que,

A vestimenta é uma das mais importantes linguagens não verbalizadas. Por meio dela as pessoas se comunicam e se integram socialmente. Mas também é um instrumento de controle e exclusão social, um dispositivo orientado pelo comportamento mediante ao que é cultural e socialmente aceito. (Baudrillard, 1996, p. 21, apud Martins; Hoffmann, 2007, p. 135).

Nessa direção, Bento assevera “que é através das práticas, de uma interpretação em ato das normas de gênero, que o gênero existe. O gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada” (2011, p. 553). Ainda para a autora, “São esses sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo. Essas infundáveis repetições funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros [...]” (2011, p. 553).

Após este pequeno preâmbulo, apresentarei as duas experiências anunciadas no início da subseção. A primeira aconteceu, praticamente quase um mês após o início das aulas, iniciadas em março do ano em curso.

O episódio aconteceu durante a aula do componente curricular “Epistemologia e Sociologia do Conhecimento: subsídios para o ensino e a pesquisa em educação em Ciências”. O professor discorria sobre o sociólogo francês, Pierre Bourdieu, quando fez destaque, na perspectiva do autor, sobre a importância do erro para a Ciência. À discussão sobre essa questão, me fez lembrar e acabei relatando sobre que aprendi a ver beleza na imperfeição. Fiz um relato sobre uma calça rasgada na “popa da bunda” que havia usado na semana anterior em um espaço público. Comentei também da comoção que causei em duas pessoas em momentos diferentes – totalmente estranhas - que me chamaram a atenção sobre a calça, como se tivesse algo de errado. Respondi a elas que eu sabia que a calça estava rasgada e que para mim, estava tudo bem.

A minha narrativa também causou uma comoção na turma pelo simples fato de um rasgo na calça está localizada próximo a minha nádega. Fui solicitado pela turma a vir vestido na calça na semana seguinte: assim o fiz.

Assim que cheguei na sala, iniciou o “espetáculo”: a turma foi tomada por um alvoroço ao ponto de um colega fazer um vídeo sobre a minha chegada. Naturalmente, fiquei constrangido, mas, acabei participando do “espetáculo”. Me solicitaram para eu fazer um giro para que pudessem avaliar o rasgo e, eu, assim o fiz.

A segunda experiência, aconteceu, aproximadamente, um mês depois (maio), coincidentemente, no dia do mesmo componente curricular. A proposta do docente, naquela aula, era dialogarmos com uma professora (de forma remota) que desenvolve estudos e pesquisas na área de ciências, na perspectiva pós-estruturalista. A professora havia participado da minha banca de qualificação e de defesa da dissertação, a qual tinha como objeto de estudo às discussões sobre corpo, gênero e sexualidade.

Quis fazer uma homenagem à professora, e caprichei no visual. Neste dia, usei uma chemise (blusão dito “feminino”). Certamente, foi o meu apogeu, o clímax, das minhas chegadas à sala de aula. Mais uma vez - nesse episódio, especificamente, de forma mais intensa e ampliada – o show aconteceu! Foi a explosão do “Big Bang”. Nesse momento, um colega me pergunta: “Mas você está usando calcinha?” – frase que inicia o título deste artigo.

De forma muito natural, respondi ao colega que sim, mas que poderia também estar sem nenhuma peça íntima por baixo. Informei aos/às presentes que utilizo a roupa para comunicar, para trazer conceitos, que tem uma função pedagógica. Aproveitei a oportunidade para, com base na roupa que estava usando, fazer uma breve discussão pedagógica de que roupa não define o gênero e, tampouco, a sexualidade. O fato de um homem ou um gay usar peças “ditas femininas” não define o seu gênero, como também, o fato de uma mulher usar peças “ditas masculinas”, como camisas e cuecas, também não há define. Comentei que poderia também estender a discussão para debater sobre roupa, sexualidade, etarismo, entre outros aspectos, mas, que poderia ficar para um outro momento.

Após toda a comoção, me sentei, como sempre, e comecei a assistir a aula. Durante o intervalo, o mesmo colega, começou a brincar e tecer elogios ao meu respeito (como era de costume), por conta da vestimenta que usava. No entanto, ele não satisfeito, tentou suspender o blusão para confirmar se, realmente, eu estava de calcinha. Neste momento, o chamei atenção e disse que eu permitia às brincadeiras, mas não, a invasão do meu corpo. Ante o exposto, apresento algumas provocações: Por que tanta curiosidade e espanto para saber se, realmente, eu estava usando uma calcinha? Será que se fosse com uma mulher o colega tentaria suspender o blusão? O que o autoriza a invadir um corpo sem autorização?

Ante o exposto e de acordo com Bento (2011),

As experiências de trânsito entre os gêneros demonstram que não somos predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas corpóreas. O sistema não consegue a unidade desejada. Há corpos que escapam ao processo de produção dos gêneros inteligíveis e, ao fazê-lo, se põem em risco porque desobedeceram às normas de gênero, ao mesmo tempo revelam as possibilidades de transformação dessas mesmas normas (p. 551).

Finalizo esta subseção com algumas provocações à luz da autora Bento (2011, p. 551): Quais os mecanismos sociais que produzem nas subjetividades essa sensação de anormalidade? Como as instituições operam para serem eficazes no seu intento de naturalizar os gêneros? Como o centro produz e se alimenta perversamente das margens?

CONSIDERAÇÕES

O objetivo desse estudo foi apresentar algumas experiências vivenciadas pelo autor/pesquisador, um gay afeminado, durante às aulas (ainda em curso) no primeiro semestre de 2024, que remetem a algumas questões de corpo, gênero e sexualidade (CGS) e que mereceram ser descritas e analisadas.

Considerando as narrativas pautadas em minhas experiências, constatei que um corpo “estranho” e que transgride às normas hegemônicas heteronormativas de comportamento e expressão, causa abalos até mesmo em um Curso de Doutorado na área de ensino de ciências com vistas à formação de professores/as.

O corpo em trânsito, na zona fronteira, que se apresenta de forma ambígua e insurgente pode provocar abalos, por movimentar-se em um terreno deslocado do que originalmente foi imposto pelo padrão hegemônico socialmente instituído. Nessa direção, Louro (2004, p. 87) afirma que “Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados ‘próprios’ de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes”.

As experiências relatadas nesse texto ainda revelam que talvez seja necessária uma ressignificação de que a roupa não está estritamente relacionada a identidade de gênero e sexual. Apontam também a necessidade de melhor e maior compreensão de que os corpos “desviantes” que se apresentam nos ambientes sociais devem ser percebidos como corpos “normais” e que têm o direito de se expressarem sem ter que presenciar reações como se fossem cenas de um espetáculo.

Percebo que enquanto professores/as e pesquisadores/as em formação da área de ciências e matemática, talvez precisemos ampliar a compreensão das diversas expressões corpóreas e identidades de gêneros e sexuais bem como aprofundarmos a compreensão das múltiplas possibilidades de ser e existir na sociedade e, especialmente, nos contextos educacionais.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que diferença faz a diferença. **Estudos Femininos**, v. 19, n. 2, 2011. p. 549-559. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/DMNhmpzNbKWgH8zbgQhLQks/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- HELLERBROCK, R. “Luz”. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/fisica/luz.htm>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MARTINS, E. F; HOFFMANN, Z. Os papéis de gênero nos livros didáticos de ciências. **Revista Ensaio**. Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 132-151. jan.-jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/vxPSJPsNHrQRDWGLZ55RCKP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 abr. 2024.
- MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (org.). Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A editora., 2005. p. 23-44.
- MINAYO, M. C. S.. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, cap. 1, p. 9- 29.
- PASSEGGI, M. C. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.
- Roupa tem gênero? **Site Soteroprosa Olhares Contemporâneos**, Salvador. 2021. Disponível em: <https://www.soteroprosa.com/single-post/roupa-tem-g%C3%AAnero>. Acesso em: 01 abr. 2024.
- SOUZA, E. C. (Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista Fórum Identidades**, ano 2, v. 4, p. 37-50, jul./dez. 2008.